Zoologia e
Museus de História Natural
em Portugal
(Séculos XVIII-XX)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Vahan Agopyan
Vice-reitor Antonio Carlos Hernandes

EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente Lucas Antonio Moscato

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente Rubens Ricupero
Vice-presidente Valeria De Marco
Carlos Alberto Ferreira Martins
Clodoaldo Grotta Ragazzo
Maria Angela Faggin Pereira Leite
Ricardo Pinto da Rocha
Tânia Tomé Martins de Castro
Suplentes José Roberto Castilho Piqueira
Marta Maria Geraldes Teixeira
Sandra Reimão

Editora-assistente Carla Fernanda Fontana
Chefe Téc. Div. Editorial Cristiane Silvestrin

Zoologia e Museus de História Natural em Portugal

(Séculos XVIII-XX)

LUIS MIGUEL PIRES CERÍACO

edusp

Sumário

Prefácio ❧ *Miguel Trefaut Rodrigues* 11

Nota do Autor 13

Agradecimentos 15

Introdução 19
- ❧ *Enquadramento* 19
- ❧ *Estado da Arte* 22
- ❧ *Opções Metodológicas e Fontes* 30
- ❧ *Estrutura do Texto* 35

PARTE I
A História Natural no Iluminismo Português (1768-1808) 39

Capítulo 1. A Gênese da História Natural em Portugal 41
Capítulo 2. As Viagens Filosóficas: Ciência e Coleções 59
- ❧ *A Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1792)* 65
- ❧ *A Viagem a Goa (Índia) e Moçambique de Manuel Galvão da Silva (1783-1790)* 79
- ❧ *A Viagem a Angola de Joaquim José da Silva (1783-1810)* 84
- ❧ *A Viagem a Cabo Verde de João da Silva Feijó (1783-1792)* 91

Capítulo 3. Coleções: Enriquecimento e Gestão Interna 99
Capítulo 4. O Papel das Coleções nos Discursos Naturalista, Pedagógico e Filosófico 137
Capítulo 5. As Invasões Napoleônicas e a Missão de Étienne Geoffroy Saint-Hilaire 153
Epílogo. Sistemas, Catálogos e Coleções – A Gênese da História Natural 169

PARTE II
Os Anos Negros da Zoologia Portuguesa (1810-1861) 179

Capítulo 6. Das Invasões Francesas à Guerra Civil 181
Capítulo 7. Tempo de Mudança: Do Fim da Guerra Civil ao Fim do Complexo da Ajuda 207
Capítulo 8. Museus e História Natural nos Primeiros Anos de Liberalismo 233
Capítulo 9. Resultado da Missão de Étienne Geoffroy Saint-Hilaire: As Coleções do Complexo da Ajuda em Paris na Primeira Metade do Século XIX 269
Capítulo 10. Da Degradação ao Encerramento do Museu Nacional de Lisboa 307
Capítulo 11. As Coleções de Dom Pedro V no Museu Real
Epílogo. As Coleções Naturalistas e o Plano da Natureza 325

PARTE III
Sob a Batuta de José Vicente Barbosa du Bocage:
Os Anos de Ouro da Zoologia Portuguesa (1861-1910) 361

Capítulo 12. O Renascimento do Museu Nacional de Lisboa 363
Capítulo 13. Novos Museus, Novos Personagens: Gestão Interna e Modelos de Desenvolvimento 395
- *A Seção Zoológica do Museu Nacional de Lisboa* 396
- *O Museu Zoológico da Universidade de Coimbra* 409
- *O Gabinete de Zoologia da Academia Politécnica do Porto* 432
- *O Museu Açoriano* 442

Capítulo 14. Atividade Científica: Taxonomia, Evolucionismo e Inserção nas Redes Internacionais 451
Capítulo 15. As Coleções e os Trabalhos Científicos de Dom Carlos I 473
- *As Coleções de História Natural e os Projetos Ornitológicos* 476
- *As Expedições e o Museu Oceanográfico* 479
- *A Criação do Aquário Vasco da Gama* 484
- *Dom Carlos I, um Zoólogo* 488

Epílogo. Entre Inventários e Evolução – Os Anos de Ouro da Zoologia 495

Considerações Finais 505

Bibliografia 515
- *Fontes Manuscritas* 515
- *Fontes Impressas* 547

ANEXO A Documentação sobre as Transferências de Coleções do Complexo da Ajuda para a Academia das Ciências de Lisboa 583
ANEXO B Documentação sobre os Envios de Espécimes para o Museu Nacional de Lisboa 594
ANEXO C Documentação sobre a Gestão e o Enriquecimento das Coleções de Coimbra 602
ANEXO D Documentação sobre o Enriquecimento das Coleções do Museu Nacional de Lisboa 610
ANEXO E Documentação sobre o Fim do Museu Nacional de Lisboa na Academia das Ciências de Lisboa 612
ANEXO F Documentação sobre as Negociações entre José Vicente Barbosa du Bocage, Francisco José de Paiva e o Governo Francês (1859-1860) 618
ANEXO G Documentação sobre o Envio de Instruções Naturalistas aos Governadores Coloniais (1862) 627
ANEXO H Epistolografia de Francisco António Pinheiro Baião, José Vicente Barbosa du Bocage e Félix António de Brito Capelo – Documentos sobre Problemas de Baião 630
ANEXO I Documentação sobre a Preparação da Exploração Zoológica na África Ocidental (1865-1866) 647
ANEXO J Relatórios sobre os Primeiros Anos do Museu de Lisboa na Escola Politécnica (1860-1865) 658
ANEXO K Documentação sobre o Pessoal do Museu de Lisboa (1879-1903) 668
ANEXO L Documentação sobre as Obras e a Evolução das Coleções do Museu de Zoológico da Universidade (1886-1911) 676
ANEXO M Correspondência entre Manuel Paulino de Oliveira e Dom Carlos I (1893) 694
ANEXO N Visita ao Museu Oceanográfico no Palácio das Necessidades (1904) 696
ANEXO O Inauguração do Aquário Vasco da Gama (AVG) (1901) 702
ANEXO P Relatório sobre o Estado do Aquário Vasco da Gama (AVG) (1901) 704
ANEXO Q Manuscrito sobre os Escritos de Zoologia Portuguesa de Dom Carlos I (sem data) 713
ANEXO R Documentação sobre a Transferência das Coleções de Dom Carlos I (1911) 716

Prefácio

A reforma da universidade portuguesa, capitaneada por Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), mais conhecido como marquês de Pombal, no século XVIII, envolveu a contratação de profissionais altamente qualificados de outros países para fazer frente diante da modernização do ensino. Entre eles estava Domingos Vandelli (1735--1816), que seria o responsável pelas cadeiras de química e história natural. Um de seus primeiros alunos, o baiano Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815), depois de formado, seria o executor da famosa viagem filosófica ao Brasil, acompanhado de um jardineiro e um desenhista. Ferreira viajou cerca de 36 mil quilômetros pela Amazônia brasileira, no fim do século XVIII (1783-1792), coletando espécimes geológicos, botânicos, zoológicos e etnográficos, que foram sistematicamente enviados para o Real Museu de História Natural e Jardim Botânico da Ajuda, em Lisboa (Portugal). Viagens filosóficas similares foram planejadas por Vandelli e enviadas pelo governo português, e seus destinos foram Angola, Moçambique, Cabo Verde e Índia. Reunidas também no complexo da Ajuda, essas coleções comporiam uma publicação monumental sobre a história natural das colônias, que teria, caso publicada, precedência sobre boa parte do conhecimento obtido pelos viajantes naturalistas que visitaram o Brasil após a instalação da família real na colônia.

Ninguém melhor que Luis Miguel Pires Ceríaco reúne as qualidades necessárias para escrever este livro: doutor em história da ciência pela Universidade de Évora (Portugal), familiarizado com as coleções de história natural europeias e zoólogo de profissão. O livro trata da história das coleções de história natural de Portugal, Brasil e África portuguesa e tem como base o estudo inédito dos Arquivos

do Museu Bocage (AMB), herdeiro do museu da Ajuda, e do Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC), em Portugal, onde estão os documentos dos vários arquivos e bibliotecas dessa instituição de ensino, o exame de espécimes das coleções dos museus de Lisboa, Coimbra e Paris (França) e o estudo de vasta literatura. A informação documental é riquíssima e descreve a história de uma das primeiras grandes coleções de história natural oriundas de Portugal, seu destino e sua dispersão após a invasão napoleônica, contextualizando esse acervo diante do desenvolvimento da ciência europeia e portuguesa.

Além da informação inédita sobre os documentos nos Arquivos do Museu Bocage, já por si relevante, o autor debruçou-se sobre o destino e a dispersão das coleções do antigo museu da Ajuda, incluindo o material que foi levado por Étienne Geoffroy Saint-Hilaire (1772-1844) para o Muséum National d'Histoire Naturelle (MNHN), em Paris, durante a invasão napoleônica. Apresenta também, pela primeira vez, a descrição da planta de como era o museu da Ajuda, com a disposição dos armários e da exposição que existia na época, vários deles recheados com coleções brasileiras. O autor mostra que, contrariamente ao que se admitia, o Real Museu de História Natural e Jardim Botânico da Ajuda e o Museu Bocage mantinham no fim do século XVIII e no século XIX, respectivamente, coleções de história natural riquíssimas, possivelmente as mais importantes da Europa. Com a instalação da família real no Brasil, houve o esvaziamento das coleções do museu da Ajuda pelos franceses, e o museu entrou em declínio. Apenas sob o comando de José Vicente Barbosa du Bocage (1823-1907), quando as coleções portuguesas estavam abrigadas no então Museu Nacional de Lisboa – atualmente, Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC) –, voltaram a ter o papel proeminente que tinham no século XVIII, principalmente com a adição de material das colônias africanas. Essa situação durou até 1978, quando o museu desapareceu totalmente em um incêndio.

Além de transcrições de documentos manuscritos de grande importância histórica, este livro apresenta razões para compreendermos o desinteresse posterior por coleções tão ricas e seu posterior abandono. Seu conteúdo interessa diretamente a historiadores, geólogos, zoólogos, botânicos, etnólogos, arqueólogos, artistas, profissionais das mais variadas áreas e leigos justamente por abordar o início da história de nosso desenvolvimento científico. Serve também de exemplo para que, no futuro, alguém se aventure a escrever a história das coleções brasileiras de história natural que tiveram início na Casa dos Pássaros e de lá foram transferidas para o Museu Real, ambos no Rio de Janeiro.

Miguel Trefaut Rodrigues
Instituto de Biociências (IB)
Universidade de São Paulo (USP)

Nota do Autor

Esta obra é resultado direto da tese de doutoramento em história e filosofia da ciência – especialidade em museologia – que defendi na Universidade de Évora (Portugal), em 2014. Em que pese o fato de sua estrutura e seu objetivo, desde o início de sua concepção, terem sido pensados para responder às exigências científicas e acadêmicas necessárias para a obtenção do grau acadêmico de doutor, cada vez mais um passaporte fundamental para o começo de uma carreira acadêmica, é também verdade que desde cedo planeei sua publicação em formato de monografia.

Esta publicação – como a tese – pretende preencher uma importante lacuna sobre a história da ciência portuguesa – a história da zoologia e as coleções de história natural em Portugal no período entre o reinado de dom José I (1714-1777) e o fim da monarquia. Desde os primeiros anos de minha formação como biólogo, senti a necessidade de compreender e contextualizar o presente à luz do passado. Como chegamos até aqui e quais são os alicerces do atual conhecimento? Em um país como Portugal, cujo peso da "história" nos persegue diariamente – dos monumentos às tradições, dos exploradores de aquém e além-mar às revoluções políticas e sociais –, o aparente vazio de passado nas ciências naturais era perturbante.

Em uma tentativa de encontrar qualquer tipo de fio condutor, de linhagens naturalistas, de continuidade entre o passado e o presente, visitei museus e coleções, bibliotecas e arquivos, e sempre que possível infiltrava-me nas arrecadações dos departamentos à procura de qualquer documento antigo, espécime empoeirado ou história esquecida. No entanto, os resultados dessas aventuras eram em geral desapontantes. Os museus encontravam-se cheios de espé-

cimes, mas vazios de curadores, com informações vagas e por vezes duvidosas e praticamente fechados sobre si mesmos. As bibliotecas e os arquivos apresentavam dados avulsos, documentação espalhada e muitas vezes tratada de forma quase que esotérica; "os papelinhos do investigador X", os "desenhos dos bichos de África" ou o "relato do viajante Y" surgiam mais como um material curioso que integrado em uma narrativa sólida. Os departamentos, focados exclusivamente no presente, na luta pela sobrevivência em um mundo de fundos cada vez mais escassos, e correndo atrás do tema da moda que garantisse maior fator de impacto, esqueciam seu passado rapidamente, tentando por vezes largar o lastro pesado que os frascos e os bichos empalhados ainda impunham a seus orçamentos cada vez mais espartilhados. Entre outros fatores e condicionantes extrínsecos e intrínsecos, os museus e a história da zoologia portuguesa apresentavam-se como terra de ninguém.

Nessa gritante falta de informação e de dados, a história das instituições de história natural em Portugal e de seus atores era um projeto completamente em aberto e uma lacuna tremenda para a própria história nacional. Essa lacuna tinha consequências imediatas: o desconhecimento sobre a história das instituições impedia por completo a valorização, a compreensão e a preservação de suas coleções; a falta de dados sobre espécimes e correspondentes coleções bloqueava seu acesso e uso a estudantes e investigadores – nacionais e estrangeiros –; a desvalorização e o desconhecimento relativo a esses museus e coleções conduziam a seu abandono. Entre outros resultados, nenhum deles era positivo.

Foi, pois, nesse contexto e diante desse panorama que, em sintonia com as linhas de investigação do Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência (CEHFCI) da Universidade de Évora, com o apoio de meus orientadores – os professores João Carlos Pires Brigola e Paulo Guilherme Leandro de Oliveira – e amparado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), por meio da atribuição de uma bolsa de doutorado[1], decidi explorar a temática em meu projeto de doutoramento.

1. Referência SFRH/BD/66851/2009, cofinanciada pelo Programa Operacional Potencial Humano (POPH), com recursos do Fundo Social Europeu (FSE).

Agradecimentos

Por muito solitário e pessoal que seja o processo de elaboração de uma tese de doutoramento, é inegável que para ela contribuem uma miríade de pessoas, cujo reconhecimento público é devido. Devo aos professores João Carlos Pires Brigola e Paulo Guilherme Leandro de Oliveira um especial reconhecimento, por terem aceitado a supervisão da tese. Não fossem seus conselhos, sugestões, correções e indicação de caminhos a tomar este livro não teria sido possível. Em especial, agradeço-lhes por terem confiado e acreditado em mim e me proporcionado um forte estímulo intelectual e supervisão pedagógica durante os quatro intensos anos da tese.

Aos professores do programa de doutoramento, deixo também uma palavra de especial apreço. Gostaria de referir especialmente, por uma maior proximidade pessoal e acadêmica, ao professor Jorge Rivera, pelo constante incentivo a um pensamento crítico e ao desenvolvimento de novas ideias; ao professor João Paulo Príncipe, pela oportunidade de poder trabalhar com ele na primeira fase do programa e pela troca de ideias sobre variados assuntos acadêmicos; ao professor Augusto Fitas, pelos conselhos sábios que me soube dar ao longo de todo o programa; ao professor José Brandão, pela proximidade à minha investigação e amenas cavaqueiras que me proporcionou. À professora Maria de Fátima Nunes, devo, no entanto, uma menção especial não só pelo apoio prestado como diretora do programa de doutoramento em todos os assuntos burocráticos e processuais como, principalmente, pelos raspanetes que me deu ao longo dos anos e que, sem dúvida, me fizeram crescer bastante em termos intelectuais, acadêmicos e pessoais. Aos colegas do programa de doutoramento, muito obrigado pela camaradagem e disponibilidade para a troca de impressões e ideias.

Agradecimentos

Devo um particular agradecimento à doutora Judite Alves, do Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC), em Lisboa (Portugal), pela permissão de acesso aos Arquivos do Museu Bocage (AMB) e seu estudo, a principal fonte de minha pesquisa. Por isso e também pela amizade e pelo apoio em outros projetos, fica aqui meu muito obrigado! Também do museu, não poderia deixar de agradecer à doutora Marta Lourenço. Agradeço-lhe por ter me acolhido em seu grupo de investigação e proporcionado momentos únicos do ponto de vista acadêmico e pessoal. Graças a ela, pude também ter a honra e o prazer de conhecer e trabalhar com os colegas David Felismino e Inês Gomes, cuja paixão pela história da ciência e das coleções nos levou a sempre animadas e produtivas conversas, bem como a trabalhos em comum. Não posso, nesse contexto, deixar de dar uma palavra à colega Catarina Madruga, que partilha comigo a paixão pela vida e obra de José Vicente Barbosa du Bocage (1823-1907) e que tem partilhado comigo dados valiosíssimos e ideias sempre interessantes. Ainda no museu, tive a oportunidade de trabalhar com os doutores Vitor Gens, Patrícia Garcia Pereira, Cristina Luis, Natascha Mesquita, Cristiane Bastos-Silveira, Luis Filipe Lopes, entre muitos outros. Pela amizade e pela simpatia com que sempre me receberam e recebem, um muito obrigado!

Na cidade do Porto (Portugal), e em particular do Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP), quero deixar um especial agradecimento à sua curadora – e grande amiga – doutora Luzía Sousa, por seu apoio durante todas as minhas investigações no museu. Não fosse sua energia contagiante e grande paixão por uma das mais impressionantes coleções nacionais, certamente meu trabalho no Porto teria sido bastante mais complicado. Ainda nessa cidade, devo uma palavra de apreço à doutora Maria José Cunha, também curadora do mesmo museu, e ao doutor Nuno Ferrand de Almeida, seu diretor.

À Universidade de Coimbra (UC), em Portugal, devo meu mais sincero obrigado à doutora Ana Rufino, que sempre me acolheu e abriu as portas das magníficas coleções do antigo Museu de Zoologia da universidade. Às doutoras Maria do Rosário Martins e Maria Arminda Miranda, responsáveis pelos itens do antigo Museu Antropológico da universidade, deixo um beijinho e um muito obrigado pelas vezes que tão bem me receberam nas coleções antropológicas. Também de Coimbra, quero agradecer a todos aqueles que, de um modo ou de outro, me ajudaram em minhas investigações: doutora Catarina Pires, doutor Gilberto Pereira e doutora Maria Inês da Silva. Os doutores Paulo Gama Mota e Pedro Casaleiro, diretores do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra (MCUC) deram todas as permissões necessárias para as várias visitas. Do Museu de Anatomia Patológica (MAP) da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (FMUC), agradeço ao doutor Manuel Santos Rosa,

diretor da faculdade, pela permissão para visitar o museu e fotografar sua coleção; ainda da faculdade, em especial, quero agradecer aos doutores Nuno Garcia e António Lopes, pela simpatia e pelo apoio prestado durante a visita ao museu.

Do Museu de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (FMUL), o doutor Pedro Henriques prestou uma ajuda fundamental para a localização de um importante espécime monstruoso do século XVIII.

Ao doutor João Paulo Constância, curador de zoologia do Museu Carlos Machado (MCM), em Ponta Delgada (Portugal), um grande abraço e um maior obrigado por me receber no museu.

À doutora Paula Leandro do Aquário Vasco da Gama (AVG), que permitiu meu acesso às coleções da biblioteca do rei dom Carlos I (1863-1908).

Na Biblioteca Pública de Évora (BPE) fui sempre auxiliado e bem recebido pelo doutor José Chitas, que me prestou importantes préstimos para a localização de documentação. Do Museu de Évora (ME), o doutor Celso Mangucci recebeu-me sempre com a maior das simpatias, dando-me acesso à importante e esquecida coleção de "naturália" do museu.

Tenho também de agradecer a toda a equipe do Muséum National d'Histoire Naturelle (MNHN) por me receber como um dos seus em sua magnífica instituição. Gostaria de agradecer em especial à doutora Annemarie Ohler (herpetologia), ao doutor Alain Dubois (herpetologia), ao senhor Marc Cugnet (herpetologia), ao doutor Romain Causse (ictiologia), à doutora Cécile Callou (mastozoologia) e à doutora Anne Préviato (ornitologia). Tenho ainda de agradecer de forma muito especial a meu querido amigo, recentemente falecido, o doutor Roger Bour (herpetologia), por me ter apresentado ao fabuloso mundo da nomenclatura zoológica e por me ter dado a oportunidade de trabalhar com ele no caso Gigantea. Essa experiência marcou para sempre meu percurso acadêmico. A todos envio um grande abraço!

Tenho também de agradecer a meus grandes amigos e colegas do outro lado do Atlântico. A Aaron Bauer, por me receber em sua casa e me apresentar uma das maiores e mais ricas bibliotecas herpetológicas do mundo – a sua própria –, onde algumas das mais raras obras dos séculos XVII e XVIII partilham o mesmo espaço com as mais recentes publicações científicas. Também por sua paixão pela história da ciência e das coleções de história natural, por seu constante apoio a meu trabalho e por me ter feito parte integrante de sua equipe, devo-lhe parte importante de minha carreira. A Edward Stanley, por me ter auxiliado durante minhas pesquisas bibliográficas no American Museum of Natural History (AMNH). Da Smithsonian Institution (SI), Tad Bennicoff gentilmente me enviou cópias da correspondência de Barbosa du Bocage. Da Academy of

Agradecimentos

Natural Science of Drexel University (ANSP), da Filadélfia, Megan Gibes providenciou-me todo o apoio necessário quando de minhas pesquisas presenciais em seus arquivos. Por fim, a David Blackburn, que me recebeu na California Academy of Sciences e me auxiliou durante o estudo das coleções históricas e dos espécimes de anfíbios e répteis do Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto. A todos, por sua amizade e seu apoio, um grande abraço!

As investigações no Naturalis Biodiversity Center (NBC), em Leiden (Países Baixos), só foram possíveis graças ao apoio do doutor Luis Morgado, amigo micólogo eborense, que me deu guarida durante as investigações, e à doutora Esther Dondorp, *manager* das coleções herpetológicas pelo apoio prestado durante o trabalho.

Da Universidade de Évora, não posso deixar de dar uma palavra de apreço a todo o pessoal do departamento de biologia, que carinhosamente foi se interessando por meu trabalho e dando seus mais sinceros incentivos. Um abraço em particular para o doutor Diogo Figueiredo, com quem tenho tido o prazer de trabalhar ao longo destes anos.

A todos os meus colegas e amigos que durante os quatro anos que levou a escrita de minha tese aturaram minhas conversas sobre museus, bichos empalhados, brigas nomenclaturais e afins, um grande abraço. Pela força e pelo apoio que me deram durante essa importante fase de minha vida acadêmica, fica meu mais sincero agradecimento a Miguel Bilou, Carlos Vila-Viçosa, André Caeiro, Luis Fernandes, Natália Madeira, Sara Carvalho, Margarida Pereira, Ivo Rego, Francisco Calado, João Galhardo, Guilherme Mira, Rita João Ramos, Verónica Sanita, entre muitos outros.

À minha família, agradeço pelo amor incondicional. A meu pai e a meu irmão, por estarem sempre disponíveis para me ajudar em qualquer problema. À minha mãe, por ser ela a principal responsável de minha paixão pela história natural; porque ainda me lembro das visitas ao Museu das Ciências Naturais da Escola Secundária André de Gouveia (MCNESAG) – o antigo Liceu –, de Évora, do fascínio que os "bichos empalhados" me despertavam e do terror despertado pelo famoso esqueleto de "gorila"; por ter estado invariavelmente a meu lado em todos os momentos deste trabalho; por me incentivar a nunca desistir e a seguir meus sonhos, não só lhe agradeço como lhe dedico a tese que agora se torna livro.

À Mariana, devo tudo que tive de bom nestes últimos anos. Por ter acompanhado a tese desde seus primórdios até sua conclusão, por ter estado sempre a meu lado nos piores e melhores momentos, por me incentivar, por apoiar todas as minhas decisões, por correr comigo museus e bibliotecas, por sua amizade e amor… Enfim, por ser o porto de abrigo para onde volto após todas e quaisquer aventuras por esse mundo fora, meu obrigado.

LANÇAMENTO 2020

JÁ DISPONÍVEL

LIVRARIA VIRTUAL

www.edusp.com.br/loja

LIVRARIAS

www.edusp.com.br/livrarias

INFORMAÇÕES

Divulgação Edusp

divulga@usp.br

edusp